

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 3 • N.º 5 • MARÇO 94

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Retórica, Hermenêutica e Filosofia*

MARINA RAMOS THEMUDO - *Ao Princípio era a Acção? Observações acerca das notas 611-660 das Philosophische Untersuchungen de Ludwig Wittgenstein*

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO F. SILVA - *Retórica e Apropriação na Hermenêutica de Gadamer*

BEN SCHOMAKERS - *The Blindness of Contemplation. On thinking according to Aristotle*

AMÉRICO LOPES DA SILVA - *Reencontro com Albert Camus*

ANTÓNIO MANUEL MARTINS - *Wallace e a Lógica da Descoberta científica em Galileu. A propósito da edição recente dos Tratados Lógicos de Galileu*

CRÓNICA

COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE O PENSAMENTO E A OBRA DE HENRIQUE DE GAND

Sob o alto patrocínio da Universidade Católica de Lovaina (K.U.L.), o Centro De Wulf-Mansion do Instituto Superior de Filosofia (Hoger Instituut voor Wijsbegeerte) organizou de 15 a 17 de Setembro último o Internationaal Colloquium Hendrik van Gent, por ocasião do 700º Aniversário da morte do Doutor Solene. Recordemos, de passagem, que Portugal deve ter sido o único País, além da Bélgica, que se associou a esta efeméride publicando um número da série *Mediaevalia. Textos e Estudos* totalmente dedicado ao pensamento filosófico-teológico de Henrique de Gand¹.

Já não será necessário lembrar, por isso, aos estudiosos portugueses da filosofia, quer a importância do pensamento do autor flamengo quer o intenso papel que o De Wulf-Mansioncentrum tem tido na edição das obras críticas e no incremento de estudos sobre a sua filosofia. Um nome se tem destacado em toda esta actividade, o do Doutor Raymond Macken, que desde 1968 tem impulsionado, na verdadeira acepção da palavra, o aparecimento dos vários volumes dos *Opera Omnia* e o trabalho de investigadores oriundos dos mais diversos países. A maior parte deles esteve presente neste Colóquio. Assim, de forma justa, as *Actas* do Colóquio a publicar ser-lhe-ão dedicadas, constituindo um *Festschrift* que homenageia um trabalho de inusitada fecundidade.

¹ Transcrevemos o Índice daquele número monográfico: Maria Cândida Monteiro PACHECO: "No sétimo Centenário da Morte do Filósofo e Teólogo Henrique de Gand"; Mário A. SANTIAGO de CARVALHO: "Henrique de Gand, 1293 - 1993"; Raymond MACKEN: "Henry of Ghent as defender of Human Heroism" e "Human self-defense against Injustice and Opression in the philosophy of Henry of Ghent"; L. HÖDL: "Die 'doppelte Wahrheit' vom Unendlichen in den Quaestiones ordinariae (Summa) des Heinrich von Gent"; Gordon A. WILSON: "Non Being: Eternity and Time in the Ontology of Henry of Ghent"; Pasquale PORRO: "'Ponere statum'. Idee divine, perfezione creaturali e ordine del mondo in Enrico de Gand"; Mário A. Santiago de CARVALHO: "Sentido e alcance do pensamento de Henrique de Gand. Explicação da nona questão do 'Quodlibet I': a relação essência/existência"; Birgitta HACHMANN e Mário A. Santiago de CARVALHO: "Os Conimbricenses e Pedro da Fonseca como leitores de Henrique de Gand"; "Henrique de Gand - Bibliografia".

A cerca de meia centena de participantes (provenientes do Canadá, dos E. U. A., da Inglaterra, de Portugal, da França, da Bélgica, da Holanda, da Itália e da Alemanha), a alta qualidade das várias comunicações (em inglês, alemão e francês) e a sua muitas vezes viva discussão, testemunham a amplitude e a profundidade dos trabalhos. Eles auguram igualmente a continuidade dos estudos em torno dos *Opera Omnia*, bem como a formação de uma equipa sempre renovada de jovens investigadores entusiasmados pelo pensamento extravagantemente fecundo de Henrique de Gand. Por estas razões, o presente Colóquio ficará como um marco na história dos estudos gandavistas, superando-se definitivamente, em muitos pontos, os trabalhos tradicionais mais sistemáticos, como os De Wulf (1894) e de J. Paulus (1938). Significativamente, aliás, três comunicações em particular (a de J. Aertsen, de J. Decorte e de M. de Carvalho) tocaram de modo crítico na interpretação de Paulus. Ela ainda continua a marcar algumas das leituras e divulgações contemporâneas. Facto curioso, foi sem dúvida nenhuma, o silêncio de quase todos os participantes sobre a obra que em 1958 José Gómez Caffarena dedicou à metafísica de Henrique de Gand. Com toda a justiça, ela depressa emparceirou em importância com a de J. Paulus. O filósofo espanhol, apesar de não ter podido estar presente no Colóquio lovaniense, a ele se associou, enviando de Madrid uma carta ao Dr. R. Macken (com data de 26 de Julho) em que elogiava a programação do Colóquio e evocava comovido o autor da sua juventude, "su venerado Enrique de Gante", .

*

Os trabalhos iniciaram-se na manhã do dia 15 com uma saudação aos participantes pelo Presidente do Instituto Superior de Filosofia, o Prof. Doutor Carlos STEEL, o qual reiterou o empenho do seu Instituto em prosseguir um vivo e intenso apoio à continuação da edição dos *Opera Omnia*. Sobre a história desta edição, desde os seus difíceis inícios, graças à determinação de R. Macken, até às perspectivas futuras, sua metodologia e planificação, se pronunciou, no último dia do Colóquio, o Director do Centro De Wulf-Mansion, o Prof. Doutor W. VANHAMEL. As palavras destes dois professores, detentores dos mais elevados cargos na administração do Instituto, dada a sua responsabilidade, foram extremamente reconfortantes, na medida em que, pelo seu respectivo compromisso, asseguram a continuidade de um projecto em boa-hora começado.

A metodologia seguida no Colóquio consagrou duas partes muito distintas, a leitura das comunicações (e respectiva discussão) e, ao fim do dia (15 e 16), as sessões de trabalho. Quase sempre muito técnicas, elas ocuparam-se exclusivamente dos aspectos ligados à obra do Gandavense. Nesta secção dos trabalhos, a escola de Lovaina manifestou toda a sua pujança e competência paleográfica e filológica, mostrando bem a razão pela qual, juntamente com a sua congénere francófona, é hoje em dia um dos maiores centros de edições críticas ².

² Recordemos, nesta ocasião, que entre 9 e 11 de Setembro último, o Institut Supérieur de Philosophie (UCL) festejou o seu vigésimo quinto aniversário com a realização de um outro importante Colóquio Internacional, sobre o tema "Manuels, programmes de cours et techniques d'enseignement dans les Universités médiévales".

No primeiro dia, Jos DECORTE tratou das “Aristotelian Sources in Henry of Ghent” e Marcel HAVERALS de “Quelques problèmes concernant quelques abreviations dans le Ms. Paris, Bibl. Nat. lat. 3120”. No segundo dia, a escola de Lovaina passou o seu testemunho. Assim, o alemão Ludwig HÖDL referiu-se às correcções de autor na *Summa*, art. 31- 34, o canadiano Jerome V. BROWN dedicou-se à análise do problema da autenticidade das *Quaestiones super VIII libros Physicorum*, e o norte-americano Gordon A. WILSON descreveu algumas particularidades da *Summa* no Ms Toulouse Bibl. municipale, ms. 199.

Vários foram os motivos de interesse destas duas Workshops, embora o seu resultado tenha sido irregular. É que se se não pôde sequer resolver as dúvidas lançadas por M. Haverals relativas à leitura das abreviaturas apresentadas, L. Hödl trouxe mais contribuições para um tema em que, juntamente com R. Macken, tem inovado. Falamos da temática das correcções de autor, que em outra ocasião já pudemos apresentar (*Humanística e Teologia*, 13, 1992, 90-91). Acontece porém que acerca deste assunto em particular, onde até ao presente se tem avançado e confirmado a hipótese de ter sido o próprio Henrique de Gand a examinar e corrigir a cópia original cedida para reprodução (identificada como ms. A), algumas recentes descobertas e perplexidades de G. Wilson — directamente derivadas do seu trabalho de edição da *Summa* — podem levar-nos a alguma cautela no que toca à generalização daquela hipótese de trabalho. O leitor mais interessado poderá encontrar pormenorizadas estas descobertas de Wilson no próximo volume dos *Opera Omnia*, que sairá do prelo no ano de 1994. Já as participações de J. Decorte e de J. V. Brown foram mais consensuais. O primeiro, dedicou a sua atenção ao facto de Henrique, durante toda a sua carreira, citar a *Physica* pela “translatio vetus”; o segundo, reforçou a hipótese de as *Questoes sobre a Física*, de que parece conhecer-se um só manuscrito, serem de facto do próprio doutor de Gand (mas talvez esta situação se possa alterar a confirmar-se recente descoberta de Silvia Donati). Recorde-se que para além dos quinze *Quodlibeta* e da *Summa*, obras cuja autoria está fora de dúvida, outras chegaram até nós, atribuídas ao punho de Henrique³. É o caso, fundamentalmente, da *Lectura Ordinaria super sacram Scripturam*, cuja autenticidade é hoje incontestada, dos *Syncategoreumata*, ainda não criticamente editados, e das *Quaestiones super VIII libros Physicorum*, cuja primeira parte está praticamente concluída no que toca à reconstituição crítica do texto manuscrito.

*

De diferente âmbito, mais filosófico e histórico-crítico, foram as sessões regulares do Colóquio (quatro nos dois períodos da manhã, e duas na tarde), que passamos a apresentar, por ordem de realização.

O Prof. Stephen F. BROWN, reputado especialista em João Duns Escoto, pensador que o trouxe ao convívio com a obra do Gandavense, desenvolveu o

³ Cf. *Revista Filosófica de Coimbra*, 1 (1992), 191- 92.

tema "The Nature of Theology in the Opera Omnia". A sua Comunicação tratou do papel do *lumen theologicum* de acordo com a *Summa* henriquina (aquele, uma extensão da teoria da iluminação) enquanto condição de possibilidade da teologia, e debruçou-se, depois, sobre algumas das razões pelas quais Godofredo de Fontaines se opôs àquela teoria (no *Quodl. IV*, de 1287). Henrique não ficou indiferente a esta crítica e no *Quodl. XII*, q. 2 respondeu-lhe, acusando Godofredo de denegrir a teologia enquanto ciência. A questão não ficou por aqui: Godofredo voltou ao ataque no *Quodl. VIII*, q. 7, concentrando-se em particular na dificuldade da assunção de uma teoria como a da iluminação. Em suma, o contributo mais importante da Comunicação de S. F. Brown prendeu-se, a nosso ver, ao esclarecimento das duas diversas concepções da teologia em finais do século XIII. É sabido, de facto, que neste domínio, Henrique se distinguiu em desenvolver a primeira crítica consequente ao paradigma aristotélico na definição da ciência tal como ele era posto em prática por alguns sectores de Artistas e Teólogos. Mas a comparação estabelecida por S. Brown permitiu-nos ver, mais uma vez, também neste sector, uma falha na crítica que Godofredo dirige a Henrique; como em tantos outros domínios, Godofredo não parece ter sido capaz de atingir o autêntico cerne das posições henriquinas, que aliás quase sempre desfigurou. As controvérsias universitárias daquele período nem sempre eram genuínos diálogos filosóficos.

Num dos últimos volumes do *Bulletin de Philosophie Médiévale* (33, 1991, p. 135), o professor de Amsterdão, Jan A. AERTSEN lamentava-se pela "serious lacuna in the history of DT [=doutrina dos transcendentais]": "the absence of an inquiry into the doctrine of Henry of Ghent who is an important link in the Avicennian tradition in the Middle Ages." Ao escutarmos a sua Comunicação, ficámos com a impressão de que Aertsen começou a contribuir para a modificação deste estado de coisas. Ao pronunciar-se sobre "Transcendental Thought in Henry of Ghent", o investigador deu mostras de ter estudado atentamente alguns dos principais lugares textuais da obra de Henrique sobre os transcendentais (*Quodl. VII*, q. 1 e 2, *V*, q. 2 e *III*, q. 9, *Summa* art. 1, q. 2 e 12, art. 21, q. 4, art. 24, q. 3, 6 e 7 ou art. 34, q. 2). Aertsen concentrou-se naquela que a seu ver é a via crucial para o acesso ao pensamento henriquino, a interrelação *res* e *ens*. Do seu exame, motivado pela oposição a J. Paulus (que fazia do ponto de partida da metafísica de Henrique uma forma transcendental, à maneira de Kant), resulta a reivindicação de que a perspectiva gandavense é transcendental tão-só na acepção medieval do termo. Neste intento, o autor esforçou-se por mostrar que a noção henriquina de *res* (*a ratitudo*, i. e., enquanto natureza ou essência de uma coisa), correspondendo embora àquilo que Avicena chamava o "esse proprium", tem as suas fontes directas no *Comentário às Sentenças* de Boaventura e de Tomás de Aquino.

De seguida, Ludwig HÖDL, professor jubilado da Universidade de Bochum, e R. Macken, já apresentado, brindaram-nos com duas comunicações de conteúdo diverso. Enquanto MACKEN com "The Inedita of Henry of Ghent Rediscovered", nos fez o historial das edições, desde a de Badius (1518) até ao lançamento dos *Opera Omnia*, Ludwig Hödl versou um tema que lhe é caro: "'Copia' und Schultradition der Summa des Heinrich von Gent". A *Summa*, que

como se sabe contém as lições regulares de Teologia dadas por Henrique (de 1276 até 1291), deveria ser um manual de ensino. Ora, conhece-se a "cópia" (A) e a tradição literária escolar desta imponente obra do Doutor Solene, o que significa dizer que se conhece "das lebendige Buch des Magisters, in dem er lebt und lehrt". Partindo da metodologia editorial escolar, e também com base em elementos exteriores (edições de Godofredo de Fontaines e de João de Pouilly, e informações colhidas nos estatutos das Faculdade de Direito de Bolonha, 1317-1347, entre outros), Hödl insistiu na distinção entre "cópia" (o autógrafo) e *liber magistri* (o livro de mão do mestre, que pertence à história da constituição do texto da disputa). Este professor trouxe assim contribuições pregnantes para a história da edição universitária tal qual ela se pode conceber a partir deste caso feliz que é a obra de Henrique de Gand chegada até nós.

J. JANSSENS surpreendeu-nos muito recentemente com a publicação de uma notável Bibliografia comentada sobre Ibne Sina, a qual representa uma pequena, mas apreciável, parte do seu trabalho de doutoramento defendido no H.I.W. Este estudioso carregava por isso uma particular autoridade para tratar, na segunda parte do primeiro dia do Colóquio, o tema da influência de Avicena sobre Henrique de Gand. Fê-lo bem, acabando por reforçar o facto de que o filósofo persa está longe de ser uma autoridade menor para o Gandavense, no caso, sobretudo em matéria psicológica. De facto, "Some Elements of Avicennian Influence on Henry of Ghent's Psychology" limitou-se apenas a dois aspectos muito concretos dessa influência (*Quodl.* III, 14, IV, 13 e 21, VI, 14 e IX, 8): a relação entre corpo e alma e a unidade desta. Reconheceu-se, com alguma surpresa, que se o *Tratado sobre a Alma* de Avicena não é usado por Henrique de Gand nestes dois domínios da psicologia, já o *Liber de Philosophia prima* é amplamente utilizado no que concerne à distinção entre unidade substancial e acidental. Isso sucede com vista à introdução da teoria gandavense do "suppositum" (vd. *infra*, sobre esta teoria) e em relação à temática da criação "simultânea" de uma alma particular com um corpo individual. É um caso de uma teoria aviceniana que Henrique considerava em concordância com a *fides catholica*. Mas não menos surpreendentemente, Janssens não encontrou qualquer referência a Avicena, no que toca ao segundo aspecto que a sua Comunicação se propunha tratar, o relativo à unidade da alma. Todavia essa influência já se notava no quadro da célebre teoria da distinção, que, como se sabe, tem também uma aplicação à teoria da unidade da alma.

Em 1985, S. MARRONE publicava um livro polémico intitulado *Truth & Scientific Thought in Henry of Ghent*. Nele o autor procurava precisar os três estádios evolutivos no desenvolvimento ideológico de Henrique, designadamente no quadro da sua noética e epistemologia. Para Marrone, ao augustinismo fundamental, Henrique anexou um formalismo aristotélico, progressivamente mais amadurecido, por vezes mesmo averroísta. Na Comunicação ao Colóquio, S. Marrone procurou consolidar esta sua tese. Para o efeito, explorou sobretudo aquele que teria sido o período intermédio, o mais crítico (1279- 81), tal como ele pode ser percebido a partir do que a recentíssima edição crítica dos artigos 31- 34 da *Summa* (que datam desse período) nos pode dar. Eis-nos, portanto, perante um caso exemplar de aplicação da hipótese das correcções de autor, tendo

Marrone avançado mesmo que “a close look at the critical apparatus alone shows how much we have yet to learn about Henry’s mental development, and about the currents of ideological change in the late thirteenth-century university”. A confirmação da sua tese passou por observar que no texto final do artigo 34 (q. 5, em particular) não se encontra nenhum recurso à noção de espécie inteligível”. (Como se sabe Th Nys, em 1949 havia defendido que Henrique recusara tal noção no *Quodl. IV*, datável do mesmo período). Para Marrone, no confronto do aparato crítico com a versão final nota-se de facto a substituição do termo *species* pelo termo *verbum* (este teria o valor de um conteúdo conceptual enquanto que aquele seria a imagem cognitiva do objecto). O aspecto noético desta evolução teve a sua quota-parte epistemológica, relativa à caracterização do conhecimento da verdade, para o que o autor contribuiu sempre em fidelidade à sua tese de 1985.

*

Os trabalhos do segundo dia abriram com uma interessante Comunicação do autor de *La via delle proposizione universali*, Pasquale PORRO (Universidade de Bari). O tema escolhido foi “Possibility and Essential Being in Henry of Ghent”. Dando mostras de grande à-vontade de movimentação entre os textos henriquinos, este intérprete examinou a origem da possibilidade segundo Henrique. Sabendo que o doutor de Gand não admite uma distinção real entre a existência de uma coisa e a sua essência, a distinção, por aquele feita (*Quodl. VIII*, q. 3 e *VIII*, 9 e *X*, 7), entre “possibile objective” e “possibile subjective”, procura compatibilizar o estatuto do “esse essentiae”, como capacidade de uma coisa para receber a existência (*esse existentiae*), com a sua eternidade e necessidade. Com base na leitura dos *Quodl. I*, q. 3, VI, 3, VIII, 3 e VIII, 8, Porro revela a hesitação de Henrique na determinação da origem da possibilidade (ela depende do poder de Deus? ou nem Deus pode criar o que em si é impossível?) Mas uma vez que a determinação da possibilidade ocorre sempre na eternidade, e dado que o Gandavense se atém a uma interpretação “estatística” das noções modais, parece que possibilidade e necessidade coincidem. Isto não seria, aliás, senão a aplicação do princípio da plenitude, que em Avicena e Averróis era de âmbito existencial e em Henrique aparece deslocado para o âmbito da possibilidade. O autor continua assim a trilhar a tradicional leitura dualizante, que não deslinda a ligação entre os dois planos, existencial e essencial⁴.

⁴ Que me seja permitido um desvio por um estudo de Diogo Pires AURÉLIO publicado no quinto volume de “Cultura - História e Filosofia” (Lisboa, 1986) com o título *A Racionalidade do Possível - De S. Tomás a Leibniz* (p. 439- 59). Este nosso Colega pretende “explicitar a função que o possível desempenhou adentro daquilo a que (...) chamamos de universo aristotélico-tomista”; ele quis mostrar como, a partir de Leibniz designadamente, se produz o “esquecimento” daquele conceito. Depois de abordar o estatuto e a ciência do possível em Aristóteles e em S. Tomás, Pires Aurélio sublinha os aspectos da diferença introduzida por Leibniz em ordem a um “deslocamento da problemática em que o possível emergiu”. Nada diremos sobre este “enquadramento” da racionalidade do possível, mas gostaríamos de apelar para o seu aperfeiçoamento pela evocação de uma “perspectiva de evolução progressiva”, insistindo nomeadamente em que neste estudo há, pelo

O estatuto do “*esse essentiae*” também concitou a atenção de mais uma Comunicação, a de H. A. G. BRAKHUIS (Universidade de Nimega). Este professor é conhecido pelas suas investigações no âmbito da lógica medieval, e dos *Syncategoreumata* em particular. Com “Henry of Ghent's Notion of *esse essentiae*. Some Semantical Problems” ele mostrou-nos, no domínio que até ao presente menos tem provocado a atenção dos investigadores, que Henrique, ou melhor, o autor dos *Syncategoreumata*, é bem versado em semântica e em lógica. Braakhuis, que prepara a edição deste texto para os *Opera Omnia* acredita na autoridade Gandavense dos *Syncategoremas*. O autor reforçou esta opinião concluindo a sua Comunicação pelo exame dos últimos artigos da *Summa* sob o ponto de vista da teoria da ciência e da significação. Sabemos hoje, de facto, que a metafísica de um autor medieval se intersecta com as posições de âmbito lógico e linguístico de forma estreita.

Problema muito debatido na Idade Média foi, como se sabe, o da eternidade do mundo. Deste tema se ocupou M. de CARVALHO (Universidade de Coimbra) em “The Problem of the Possible Eternity of the World according to Henry of Ghent and His Historians”. Centrando a sua perspectiva num ponto de partida diferente do de Porro, o do *esse existentiae*, o signatário procurou mostrar o bem fundado da argumentação henriquina em prol da temporalidade radical da criatura, situou-a no seu contexto histórico e referiu-se à exegese moderna que nem sempre a tem apreciado de forma ajustada.

Mathias LAARMANN (Universidade de Bochum) tratou de seguida um dos temas mais difíceis da filosofia teológica de Henrique, o do conhecimento natural de Deus. A sua Comunicação intitulava-se “Gott als ‘primum cognitum’. Zum Problem der apriorischen Seins- und Gotteserkenntnis bei Heinrich von Gent”. Tema comum aos grandes pensadores da época (T. de Aquino, *De Ver.* 22, 2; Boaventura, *Itin.* 5, 3), a posição do doutor de Gand assume uma complexidade inusitada, em que o investigador alemão procurou introduzir o auditório. Partilhamos da sua opinião segundo a qual o motivo para essa complexidade

menos, três distintos ausentes. Penso, obviamente, em Henrique de Gand, que Pires Aurélio não deve conhecer, mas certamente também em Duns Escoto e em Guilherme de Ockham. Entre S. Tomás e Leibniz, neles dá-se a passagem de uma metafísica do possível a uma lógica da possibilidade. A falta de radicalidade que o autor vê no modelo da racionalidade Moderna (e não negamos que, de facto, “os problemas que verdadeiramente o ocupam [a Leibniz] são outros”) é inaugurada por um profundo ataque escotista e nominalista à metafísica do possível de Henrique de Gand, que por sua vez é uma alternativa ao modelo tomasino. Para lá chegarmos, dever-se-ia referir, primeiro, que a entidade que o autor vê no § 43 da *Monadologia*, estranha, naturalmente, ao “tomismo” (p. 449) — “uma entidade que, não sendo um existente, não se confunde, todavia, nem com o nada nem com o ente de razão” — é claramente devedora do apuramento do *esse essentiae* de Henrique de Gand e do *ens secundum quid* de Duns Escoto, que no texto nos aparece injustificadamente elidido. E depois, e relativamente à ciência do possível, dever-se-ia adiantar que a problemática relativa à esfera da mente e a da vontade divinas representam o culminar de uma tradição que passa pela crítica de Escoto a S. Tomás quanto ao modo como este entendia o conhecimento que Deus tem dos futuros contingentes. Também o sentido dessa crítica, porém condicionada por uma discussão em torno do que seria o ser da contingência, já havia sido aberto por Henrique de Gand. Será necessário, em suma, reescrevermos a história relativa à transformação da racionalidade do possível.

reside no facto de que ao perguntar-se “*utrum Deus esse sit homini notum naturaliter per se*” (*Summa*, art. 22, 2), Henrique põe em relação a teoria do “*primum cognitum*” com específicas suposições de âmbito linguístico (*verbum*). A nosso ver, Laarmann teve a virtude de contribuir para um tema tão agudo, mas estamos em crer que as investigações posteriores que ele nos anunciou poderão trazer maior esclarecimento, em particular no confronto crítico com as alternativas epocais referidas.

Uma das últimas preocupações da “escola de Lovaina” é a relativa à divulgação da obra de Henrique em vernáculo mediante estratégias bem definidas de tradução exemplar de textos. Roland TESKE foi o seu primeiro realizador. Este professor do Wisconsin (Universidade de Marquette) acaba de publicar um útil trabalho de tradução das “*quaestiones*” de Henrique relativas à vontade e à liberdade (*Quodlibetal Questions on Free Will*, 1993). Temos conhecimento de que prepara também idêntico trabalho, agora no âmbito da ética, e de que vai contribuir, em breve, para o confronto de Henrique com a doutrina de Pelágio e de Guilherme de Auvergne sobre a liberdade. Na sua Comunicação ao Colóquio, Teske examinou um problema conexo: “*Henry of Ghent’s Rejection of the Principle: ‘Omne quod movetur ab alio movetur’*”, que detalhou como é que a posição henriquina sobre a proeminência da vontade (como universal e primeiro motor) é incompatível com o princípio aristotélico enunciado no título. Na verdade, também nesta matéria Henrique assume-se como uma alternativa à posição de Tomás de Aquino.

Tendo o segundo dia do Congresso assistido ao tratamento de temas habitualmente menos examinados, em termos quantitativos de produção, B. B. PRICE (do M.I.T. e da Univ. de York) brindou-nos com o último tema do dia: “*Henry of Ghent and the Tensions of Economics*”. A autora procurou, nas suas palavras, contribuir para o estabelecimento do “*status quaestionis*” do papel de Henrique no campo da investigação em história económica. Não é que neste assunto particular, o do pensamento económico, a Comunicação da professora Price tenha sido pioneira ou sequer singular; de facto, ainda muito recentemente Langholm publicava um monumental exame à tradição teológica parisiense sobre a economia. Dedicando um capítulo inteiro ao doutor de Gand, este estudioso evidenciava a importância do seu contributo relevante pela amplitude e variedade das abordagens. Simplesmente, a presente Comunicação, mais do que revelar como é que a tensão dualista do comportamento económico se recolhe em Henrique (seres humanos vs. natureza e seres humanos entre si) teve a virtualidade de sublinhar como é que aquele pensamento enquandra a tensão da relação económica como uma forma de amizade. Discutindo, em particular, a problemática dos desejos dos seres humanos e do interesse individual em conflito com o bem comum. A autora acabou por se questionar sobre a forma encontrada por Henrique para solucionar a tensão da economia, mas rassaltou devidamente o facto de o Gandavense se ter voltado quer para as instituições da Igreja quer para os governos laicos com o fim de reduzir ou resolver as tensões económicas. Uma vez que escrevemos para leitores portugueses, talvez valha a pena assinalar que também no nosso pensamento económico se repercute a presença de Henrique, por exemplo em João Sobrinho (†1486). Na sua obra intitulada *Justiça*

Comutativa (ed. Paris 1483 e Lisboa, 1945), ao contrário do que era frequente em certos meios académicos, o teólogo e economista português faz mais do que citar Henrique a partir de Duns Escoto (fol. 15, 38, 46 da ed. de Paris). Ele dá mostras de conhecer criticamente algumas das melhores questões quodlibéticas sobre o tema, como, v. gr.: *Quodl.* I q. 40 (fol. 32, 76, 78), III q. 28 (fol. 32), VI qq. 20 e 22 (fol. 79, 80 e 48, 58), e XIV q. 14 (fol. 78).

*

Do último dia do Colóquio referiremos as quatro iniciais Comunicações (tendo as duas últimas sido abordadas acima). As duas primeiras de dois competentes editores dos *Opera Omnia*, J. Decorte e G. Wilson, as duas restantes de J. McEvoy e de Ch. Trottmann, que só há pouco chegaram ao pensamento do Gandavense.

“Henry of Ghent on Analogy. Critical reflections on Jean Paulus’ Conception”, a comunicação de Jos DECORTE (Univ. de Lovaina) constituiu uma crítica legítima às páginas que Jean Paulus, na sua obra ainda de referência, tinha dedicado à problemática da analogia. Para o efeito, Decorte começou por levantar os quatro pontos em que, a seu ver, aquela leitura falha: (i) a interpretação da *Summa* art. 21, q. 2 sobre a analogia e (ii) sobre a proposta de um paralelismo entre a ordem do conhecer e a do ser, (iii) a origem da teoria de Henrique, (iv) a existência de um problema cartesiano “du pont”. Não é este o lugar para apresentar a tese de Paulus, que continua a imperar. O seu livro é aliás relativamente acessível. Mas deve-se talvez assinalar que as críticas do professor Decorte se inserem no contexto das suas últimas produções sobre temática afim, a da relação ou “respectus”. A este propósito, importará referir que este autor, que também foi o editor dos *Quodlibet XII e XIII*, publicou em Portugal um importante estudo sobre este tema (vd. nota 1). É de facto impossível compreender bem a teoria do Gandavense do “respectus” sem se precisar o exacto lugar da analogia no jogo da sua metafísica. Neste sector, o maior contributo de Decorte consistiu no corpo de prova aduzido em favor da influência da noção aristotélica de analogia sobre Henrique. Isto é novo porquanto J. Paulus privilegiara o confronto com Aquino e com Escoto. Decorte, que para além de um recente contributo histórico-sistemático (*Waarheid als weg*, Kampen, 1992) tem dedicado muita da sua atenção à filosofia franciscana, referiu-se por isso à origem franciscana da teoria da analogia de Henrique (Alexandre de Hales e Boaventura), mas salientou sobretudo como, neste particular, foi influente a *Comentário às Categorias* de Simplício traduzido por Moerbecke, que Henrique de Gand mostra ter conhecido, v. gr. no *Quodl.* IX, q. 1 e 3.

Em 1975, Gordon A. WILSON defendeu a sua tese de doutoramento na bem conhecida universidade norte-americana de Tulane. O tema foi o do dimorfismo e unidade metafísica do homem. A ocasião deste Colóquio, vimo-lo bem, permitiu-lhe retomar o tema daquele seu inicial encontro com Henrique, agora bem consolidado por um activo dos mais fecundos plasmado no *Opera Omnia*. Wilson é, de facto, editor dos *Quodlibeta VI e VII*, e ultima um livro sobre a

filosofia henriquina. Não estranhámos, portanto, o à-vontade manifestado na sua Comunicação, que se ocupou em descrever primeiro o ponto de partida do *Quodl. I* relativamente ao tema do *suppositum*, examinou a relação que o *syllabus* de Março de 1277 pôde ter tido com o entendimento e o papel da “*suppositum*” na metafísica de Henrique, e concluíui pela contribuição mais fundamental desta metafísica. Ela prende-se com a rejeição da ordenação aristotélica entre mundo material e imaterial, avançando em alternativa com a distinção entre ser criado e incriado.

O Colóquio encerrou o período da manhã do seu derradeiro dia com duas interessantes e diversificadas comunicações de outros tantos estudiosos que se podem contar entre as mais recentes aquisições no círculo dos gandavistas contemporâneos. O professor de Lovaina-a-Nova, James McEVOY demonstrou como é possível trabalhar uma só “*quaestio*” de Henrique de maneira fecunda. Com um espírito muito britânico ele brindou os assistentes com o exame da qu. 12 do *Quodl. X*. que se pergunta se a amizade é uma virtude. Esta Comunicação, que complementaria a de B. Price, remeteu-se portanto ao tratamento desta temática muito particular e ao modo como as mais velhas e mais relevantes autoridades citadas (Aristóteles e Cícero) se conjugam com as teológicas (Agostinho e Ricardo de São Vítor) ao serviço de uma concepção pessoal sobre o ser e a geração da amizade enquanto virtude. Quer dizer, parte da justiça, coroa das virtudes morais, e a mais próxima das que recebem a infusão da caridade.

De França chegaram-nos os reflexos de uma pormenorizada tese sobre a visão beatífica, da autoria de Christian TROTTMANN. Este jovem investigador do C.N.R.S. abordou o contributo de Henrique para essa temática. “*Henri de Gand source de la dispute sur la vision reflexive*” procurou mostrar a influência do teólogo flamengo em João Quidort mercê da “*introdução do desejo no próprio coração da paz dos bem-aventurados*”. Uma vez mais o seu lugar de pensador independente foi vincado numa pessoal atitude, intermediária, situada entre os mendicantes, ansiosos em assumir a herança cristã de Stº Agostinho, e os contributos da noética aristotélica. Na sua qualidade de tomista, Quidort procurou sistematizar e sintetizar aquela atitude. Situando-se Henrique, com efeito, entre o agostinismo e o aristotelismo, algumas das razões metafísica do seu voluntarismo (a que Teske se tinha referido) podiam ter estado na origem do voluntarismo específico do dominicano parisiense.

Uma vez que no início desta Crónica começámos por fazer referência à Comunicação do director do De Wulf-Mansioncentrum, W. VANHAMEL, bastanos dar notícia da última conferência do dia e do Colóquio. Jerome V. BROWN tratou da “*Henry’s Theory of Knowledge: Henry of Ghent on Avicenna and Augustine*”. Não será necessário lembrar o extenso conjunto de estudos que sobre a noética de Henrique o professor Brown já dedicou (cf. *Humanística e Teologia*, 12, 1991, 113 sg.). Na sua comunicação, muito técnica, este estudioso insistiu uma vez mais no tópico da teoria do conhecimento, revelando a sempre reconhecida influência de Agostinho e de Avicena, embora, desta vez, em relação a um assunto habitualmente negligenciado, o do conhecimento dos anjos. Como é apanágio de J. Brown, também este seu estudo mostrou a relutância revelada por

Henrique em abandonar o velho estilo neoplatónico veiculado por aquelas duas fontes, não obstante a contribuição do Gandavense para a *via moderna*.

*

Um relato de apenas alguns dos muitos aspectos das várias teses defendidas é necessariamente pobre. É impossível descrever toda a riqueza e diversidade humana e intelectual proporcionada por um Colóquio, e por este em particular, que reuniu um conjunto de estudiosos que têm convivido com o pensamento e com a obra do Gandavense de muito perto. Uma palavra final merece-nos a excelente organização do Colóquio e a sua simpática equipa de assessoria. O caloroso acolhimento que sempre nos dispensaram teve o seu ponto mais alto com um requintado e opíparo Jantar oferecido aos conferencistas no fim do dia 16 na Sala do Bispo do Faculty Club, que se insere num impressionante e tão bem preservado espaço arquitectónico (o "Groot-Begijnhof"), em tempos idos ocupado pelas célebres beguinhas.

Destacada a excelente organização e acolhimento, terminaríamos apenas salientando a ausência de Kent Emery Jr., também ele colaborador dos *Opera Omnia*. De igual modo, o professor R. Wielockx, embora tendo estado presente, lançando pertinentes observações enriquecedoras dos trabalhos nos mais vivos momentos dedicados à discussão das teses propostas, não pôde apresentar uma Comunicação. Lembremos que lhe devemos a edição do *Quodl. II*.

Em todo o caso, este acontecimento que contou na sua assistência com uma jovem e significativa presença de promissores investigadores do Medievo, assinala um marco naquele que será, estamos em crer, o primeiro coroamento da reabilitação contemporânea desse grande filósofo e teólogo dos finais do século XIII. Os aspectos textuais, históricos e filosóficos foram tratados com competência e alguma sobriedade, pelo que a publicação iminente das Actas do Encontro se assumirão como um ponto de referência obrigatório para qualquer investigação futura. Pela nossa parte, orgulhamo-nos, ainda que modestamente, de ter contribuído, com a edição de *Mediaevalia. Textos e Estudos*, para que esta efeméride provoque um incremento na produção filosófica em torno ou na senda de Henrique de Gand.

Os nosso parabéns às autoridades académicas da KUL e o nosso bem-haja ao Dr. Raymond Macken, o verdadeiro responsável por esta reabilitação e autêntico cabouqueiro deste erudito ressurgimento.

Mário A. Santiago de Carvalho